

# Esquema para uma história da recepção da *Crítica da faculdade de julgar* no Brasil, nos últimos 50 anos, a partir de uma visão uspiana

*[Scheme for a history of the reception of the Critique of the faculty of judgment in Brazil in the past 50 years, from a Uspian viewpoint]*

**Ricardo Terra**

Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

DOI: 10.5380/sk.v20i1.90917

## Resumo

A partir de um ponto de vista pessoal, procura-se oferecer um conjunto de marcos temporais e institucionais que auxiliam a refletir sobre a história da recepção da terceira *Crítica* no Brasil nos últimos 50 anos. Discute-se também o papel de professores como Gerard Lebrun, José Arthur Ginnotti e Rubens Rodrigues Torres Filho na consolidação de certo “kantismo da USP”, perspectiva a partir da qual se questiona a falsa oposição entre filosofia e história da filosofia.

**Palavras-chave:** Kant; *Crítica da Faculdade de Julgar*; Brasil; USP.

## Abstract

From a personal point of view, we seek to offer a set of temporal and institutional milestones that help to reflect on the history of the reception of Third Critique in Brazil in the last 50 years. The role of professors such as Gerard Lebrun, José Arthur Ginnotti and Rubens Rodrigues Torres Filho in the consolidation of a certain “USP Kantism”, a perspective by which the false opposition between philosophy and history of philosophy is questioned.

**Keywords:** Kant; Critique of the Faculty of Judgment; Brazil; USP.

Abordo neste texto a recepção brasileira de Kant e da *Crítica da faculdade de julgar* nos últimos 50 anos, a partir da minha experiência na USP. Ressalvo desde logo que neste recorte temporal e local será dada menor ênfase aos últimos 15 anos, já que eu tenho menos intimidade com as obras mais “recentes”<sup>1</sup>. Ao perceber que tenho o que falar sobre coisas ocorridas nos últimos 50 anos, fiquei um pouco assustado, mas essa é minha situação. Apenas para começar a ilustrar muito do que discutirei aqui, gostaria de compartilhar uma lembrança. Lembro-me claramente da primeira vez que em que pus os olhos sobre o livro de Lebrun, *Kant et la fin de la métaphysique*, que foi originalmente publicado em 1970. Posso me lembrar de Rubinho (o professor Rubens Torres Filho) carregando o livro e mostrando-o a nós, seus alunos. Eu corri para Livraria Francesa, na tentativa de comprá-lo, mas Carlos Alberto Ribeiro de Moura, que era meu colega e morava mais próximo da livraria, chegou primeiro. Como havia um único exemplar na Livraria, foi ele quem comprou-o. Eu só vim a obter o livro alguns meses depois. Mas, creio, lembranças anedóticas como essa podem ficar para um outro momento.

Tendo em vista sugerir esquemas para pensarmos sobre a recepção da obra kantiana no período indicado, procurei inicialmente organizar essa exposição fincando alguns marcos temporais que são importantes para começarmos a nos situar nessa história. Em seguida, dirijo minha atenção especificamente à recepção da *Crítica da faculdade de julgar*. Por fim, faço algumas considerações sobre o ambiente filosófico em que fui formado, tecendo comentários acerca do “kantismo” da USP e da falsa oposição entre filosofia e história da filosofia, que, segundo alguns relatos, decorreria de uma suposta adesão ao chamado “método estrutural”.

## 1.

Acredito que o primeiro marco para pensarmos a consolidação da recepção kantiana no Brasil é a fundação da ANPOF e da Sociedade Kant Brasileira. Em 1983 foi fundada a Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. Sua instituição foi um elemento fundamental para a organização da comunidade filosófica brasileira e também influenciou muito a recepção da obra de Kant, impulsionando-a. Na verdade, ainda antes desses eventos, precisaríamos também lembrar da presença do professor Oswaldo Porchat no Departamento de Filosofia da UNICAMP, pois foi ele quem “reinventou” a ideia de um congresso nacional de filosofia no Brasil. É uma história importante de ser lembrada, mas não quero me alongar em muitos detalhes, pois neste caso é mais importante que tenhamos uma visão do conjunto. Outro momento importantíssimo nessa história, ainda na década de 1980, foi a fundação da Sociedade Kant Brasileira, em 1989, resultado da articulação de figuras como Valerio Rohden, Zeljko Loparic, Guido A. de Almeida, Balthazar Barbosa, Raul Landin Filho, Christian Hamm, além de mim. Nós redigimos o estatuto e fundamos a sociedade. Em seguida, em 1998, foi lançada a revista da Sociedade, a *Studia Kantiana*. Esses são marcos institucionais importantes da história da recepção da filosofia kantiana no Brasil, particularmente significativos para sua ampliação e difusão nos últimos 50 anos.

Outro marco relevante pode ser encontrado na organização e recepção de importantes eventos e congressos da pesquisa kantiana internacional. Em 2005, o Brasil sediou o *Xth International Kant Congress*, da *Kant-Gesellschaft*, Congresso organizado pela Sociedade Kant Brasileira, Universidade de São Paulo e Universidade de Campinas (com a participação decisiva da professora Fátima Évora). Esse congresso representou um grande reconhecimento internacional das pesquisas kantianas no Brasil. A história começa alguns anos antes, quando, em 2001, a Sociedade Kant Brasileira organizou o seu III Congresso Kant Brasileiro, em Itatiaia. Foi um excelente Congresso, bilíngue, que contou com a participação do presidente,

---

<sup>1</sup> Gostaria de ressaltar o caráter limitado e memorialista de minha exposição. Falei livremente tendo apenas uma lista com as datas das traduções dos livros citados. Esta publicação deve-se à generosidade de Bruno Nadai que providenciou a transcrição e a correção das principais falhas e repetições da exposição oral.

vice-presidente e alguns outros membros da *Kant-Gesellschaft*. Posteriormente, em reunião desta Sociedade, relatou-se sobre a experiência brasileira e sua diretoria deliberou que o próximo Congresso Internacional seria sediado no Brasil, na Universidade de São Paulo. É interessante mencionar que foi a primeira vez na história da *Kant-Gesellschaft* que seu Congresso se realizou em algum país do hemisfério sul. Até então ele só havia sido realizado na Alemanha ou nos Estados Unidos. E, mais interessante ainda, é o fato de que, depois de sua realização no Brasil, os congressos da Sociedade Internacional passaram a se realizar alternadamente em diferentes cidades, de diferentes países. Em 2008 foram publicadas pela Walter de Gruyter as atas desse *Xth International Kant Congress*, em cinco volumes, intitulados *Recht und Frieden in der Philosophie Kants* [*Direito e paz na filosofia de Kant*], organizado por Guido, Valerio e por mim, em parceria com Margit Ruffing. Outro resultado interessante vinculado ao *Xth Kant Congress*, que deve ser ressaltado, foi a organização e publicação do volume 10 da *NAKS Studies in Philosophy*, série de livros da *North American Kant Society*, editado por Frederic Rauscher e Daniel Perez, em 2012. Concebido durante o Congresso, esse volume intitulado *Kant in Brazil* reúne um conjunto de artigos de pesquisadores brasileiros, retratando e tornando acessível em língua inglesa a qualidade e diversidade da pesquisa kantiana no Brasil.

No ano de 2013, em Salvador, a Société d'Études Kantiennes de Langue Française (SEKLF) promoveu o seu XIº congresso, *Kant et La Raison Pratique*. Desse congresso resultou, em 2015, a publicação do volume Organizado por Sophie Grapotte, Margit Ruffing e eu, com o mesmo título, pela *Librairie Philosophique J. Vrin*. Também em 2013 realizou-se o *IV Kant Multilateral Colloquium*, em Tiradentes. Dele resultou a publicação de um vasto volume, organizado pelas professoras Patricia Kauark-Leite, Giorgia Cecchinato, Virginia de Araújo Figueiredo, Margit Ruffing e Alice Serra, intitulado *Kant and the Metaphors of Reason*, publicado em Hildesheim pela Georg Olms, em 2015. Nesse contexto, é importante lembrar a série de encontros de estudos kantianos organizados na UNESP de Marília pelo colega professor Ubirajara Rancan, que foi também o idealizador dos Colóquios Multilaterais. Estes são marcos importantes, mas insisto mais uma vez que não se trata de um levantamento exaustivo, apenas da referência a alguns exemplos com os quais estou mais familiarizado.

Esses foram alguns dos congressos de instituições importantes, que resultaram em publicações importantes, editadas ou organizadas pela comunidade kantiana brasileira. São elementos que devem ser destacados se queremos pensar sobre a recepção de Kant no Brasil. Tudo isso indica e atesta o crescimento e solidificação dos estudos kantianos brasileiros, com o devido reconhecimento da comunidade internacional.

Um outro marco ou indicador do crescimento brutal dos estudos kantianos no Brasil nos últimos 50 anos são as traduções dos textos de Kant. Em um levantamento não exaustivo, feito de memória e a partir da minha biblioteca pessoal, eu mencionaria as seguintes traduções.

Em primeiro lugar, devo lembrar da publicação da coleção *Os Pensadores*, pela editora Abril Cultural. Essa coleção, todos sabemos, foi um marco fundamental da difusão dos estudos filosóficos no Brasil, assim como dos estudos de Kant e da terceira *Crítica*, em particular. Nos volumes da coleção dedicados a Kant foram publicadas a *Crítica da razão pura*, traduzida por Valerio Rohden e Udo Moosburguer, e a 1ª Introdução e passagens da *Crítica do Juízo*, traduzidas por Rubens Rodrigues Torres Filho. Essa tradução de Rubens Rodrigues influenciou muito os estudos da terceira *Crítica*, particularmente na USP, onde ele já era professor. Também em 1974 foram publicados os *Textos Seletos*, pela editora Vozes, traduzidos por Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Essa publicação inclui o Prefácio à segunda edição da *Crítica da razão pura*, a *Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"?*, bem como outros textos, e contribuiu muito para o estudo de temas políticos do pensamento kantiano. Notem, portanto, que há, de saída, uma recepção gaúcha forte, além do início da recepção uspiana, inaugurada por Rubens, e da recepção no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

Nos anos 1980 (e eu talvez esteja esquecendo alguns eventos) há, pelo menos, dois marcos

importantes. O primeiro foi a publicação da tradução da *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, em 1986, por mim e Rodrigo Naves. Além do próprio texto de Kant, esse volume foi importante na difusão da recepção kantiana porque contou também com alguns artigos sobre a filosofia da história kantiana, tal como o artigo fundamental de Lebrun, “Uma escatologia para a moral”, e o instigante artigo de Giannotti, “Kant e o espaço da história universal”, além de um texto meu. Em 1989 foi publicada pela L&PM a tradução de *À paz perpétua*, por Marco Zingano.

Em 1993 temos a publicação binacional da *Crítica da faculdade do juízo*, em tradução de António Marques, por Portugal, e Valerio Rohden, pelo Brasil, publicada no país pela editora Forense Universitária. Também em 1993 houve a publicação das *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, uma tradução do jovemíssimo Vinicius de Figueiredo de uma obra do jovemíssimo Kant, pela Papyrus.

A partir dos anos 2000 começa uma mudança nesse quadro, com um gradativo crescimento e ampliação de publicações dos textos de Kant no Brasil, o que indica a ampliação e difusão da recepção da obra do filósofo. Em 2002, Valerio Rohden publicou a tradução da *Crítica da razão prática*, pela Editora Martins Fontes e, em 2003, uma 2ª edição, desta vez bilíngue. Em 2005 são publicados os *Escritos Pré-críticos*, em tradução de Jair Barbosa, Joãozinho Beckenkamp, Luciano Codato, Paulo Licht e Vinicius de Figueiredo, pela Editora da Unesp. Vemos aí uma nova geração assumindo os trabalhos e tornando acessível em português textos kantianos fundamentais, inclusive do período pré-crítico. No ano de 2006, é publicada a tradução da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, por Clélia Martins, pela Editora Iluminuras. Em 2009 é publicada a *Fundamentação da metafísica dos costumes*, pela editora Barcarolla, na precisa tradução de Guido de Almeida.

Então vem o salto dos anos de 2010, que é uma coisa incrível. Em 2010 é publicado o *Começo conjectural da história humana*, pela EdUNESP, em tradução de Edmilson Menezes. Em 2011 foi publicado *O que é esclarecimento?*, em tradução de Paulo Cesar Gil Ferreira, pela editora Viaverita. Em 2012 Fernando Mattos publica sua tradução da *Crítica da razão pura*, pela editora Vozes. Em 2013, também pela editora Vozes, foi publicada a *Metafísica dos costumes*. A primeira parte da obra, a “Doutrina do direito”, foi traduzida por Clélia Martins, com revisão técnica feita por um grupo que contou com as participações de Bruno Nadai, Diego Kosbiau Trevisan, Fernando Mattos, Monique Hulshof e Nathalie Bressiani, além da minha. A segunda parte, a “Doutrina da Virtude”, foi traduzida por Bruno Nadai, Diego Kosbiau Trevisan e Monique Hulshof, dando continuidade ao trabalho coletivo iniciado com a revisão da primeira parte. Em 2014 são publicados os *Prolegômenos a qualquer metafísica futura*, pela Estação Liberdade, em tradução de José Oscar de Almeida Marques. No mesmo ano, ocorre a publicação de outra tradução da “Doutrina do Direito”, por Joãozinho Beckenkamp, pela editora Martins Fontes. Em 2016 é publicada a *Crítica da razão prática*, pela editora Vozes, em tradução de Monique Hulshof. No mesmo ano, também pela Vozes, é publicada a *Crítica da faculdade de julgar*, em tradução de Fernando Mattos. Em 2018 são publicadas as *Lições de ética*, pela Editora Unesp, traduzidas por Bruno Cunha e Charles Feldhaus. Em 2019 são publicadas as *Lições sobre a doutrina filosófica da religião*, pela editora Vozes, também por Bruno Cunha. Ou seja, nesta década bastante produtiva, além de traduções de novos textos kantianos, alguns deles sequer publicados em vida por Kant, temos a publicação de novas traduções das três *Críticas*. Isso tudo indica a difusão da recepção da obra de Kant no Brasil, inclusive com o surgimento de novos pólos ou núcleos regionais de pesquisa.

Ao que me parece, entre outros fatores, esse desenvolvimento tremendo dos últimos anos foi possibilitado por aquelas iniciativas mencionadas no início, a fundação da ANPOF, da Sociedade Kant Brasileira e o lançamento da *Studia kantiana*. Lembro-me, por exemplo, de quando eu participava do Seminário de Lógica e Ontologia, organizado pelo Prof. Giannotti no CEBRAP e, em um de nossos encontros, em meio a um seminário sobre

Wittgenstein, o Prof. Valerio Rohden telefonou direto da cidade onde estava se realizando o IX Congresso da *Kant Gesellschaft*. Ao telefone, ele nos perguntava se a USP aceitaria organizar junto com a Sociedade Kant Brasileira o próximo congresso. O Prof. Giannotti respondeu imediatamente que sim, que aceitávamos. Mas ele fez isso tão somente porque queria voltar para a leitura e discussão do texto de Wittgenstein. Bom, é claro, quem teve de organizar o Congresso não foi Giannotti.

Procurei mostrar até aqui de que modo foi ganhando fôlego no Brasil esse processo de expansão da recepção da obra kantiana como um todo, desde os anos 1970 até os anos 2010, tendo como baliza alguns marcos institucionais importantes e as traduções dos textos kantianos publicadas ao longo desse período. A partir de agora vou tratar especificamente da recepção da *Crítica da faculdade de julgar*, pensando-a, volto a insistir, a partir da minha experiência na Universidade de São Paulo.

## 2.

Antes de tudo, devo mencionar a publicação do livro de Gérard Lebrun, *Kant et la fin de la métaphysique*, em 1970. O livro de Lebrun representou um terremoto para nós da USP, especialmente pela maneira de interpretar a *Crítica da faculdade de julgar*. Mas não apenas isso, pois ele impactou também nossa compreensão da *Crítica da razão pura*, introduzindo outro modo de ler a Dialética Transcendental, especialmente o seu “Apêndice”. Muitas ideias e interpretações que depois vieram a se desenvolver entre nós tiveram origem no impacto que a leitura do livro de Lebrun causou entre os professores e estudantes da USP. E, se estamos falando da recepção da terceira *Crítica*, devemos lembrar, aqui também, da tradução de Rubens Rodrigues publicada no volume de *Os Pensadores*, mencionada anteriormente. Notem, então, que tínhamos dois elementos importantes. Não só podíamos ler e trabalhar a partir do livro de Lebrun, como também dispúnhamos de parte da terceira *Crítica* traduzida e começávamos a aprender a traduzir do alemão junto com Rubens Rodrigues, que era nosso professor.

É claro que, com a publicação da tradução completa por Valerio Rohden e António Marques, em 1993, deu-se um passo importante para a difusão dos estudos brasileiros da terceira *Crítica*. A colaboração brasileira com Marques vem desde antes, porque ele publicou em 1987 um importante livro sobre o conceito de organismo em Kant, em que a questão da teleologia é reconstruída, de maneira muito detida, desde o “Apêndice à dialética transcendental” da primeira *Crítica* até as Introduções e segunda parte da terceira *Crítica*. Esse livro influenciou bastante os estudos da terceira *Crítica* no Brasil. De todo modo, apesar de ter sido publicada, essa tradução binacional é bastante curiosa, porque há soluções de tradução adotadas na Primeira Parte (tal como a “complacência” para traduzir *Wohlgefallen*) que não são adotadas na Segunda Parte, e vice versa. No final das contas, o texto ficou tão estranho que António Marques terminou publicando uma outra edição portuguesa, com ambas as partes traduzidas por ele. Além desta tradução binacional, como vimos, nesse mesmo ano de 1993 Vinicius de Figueiredo publica sua tradução das *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Trata-se de um texto do período pré-crítico, como sabemos, mas nele Kant desenvolve temas que serão retomados na terceira *Crítica* e sua publicação também é sinal da consolidação da recepção de Kant entre nós.

Em seguida, em 1995, houve a publicação das *Duas Introduções à Crítica do juízo*, resultado de um trabalho cooperativo de que fiz parte, muito parecido com o trabalho cooperativo que resultou na tradução da *Doutrina da Virtude* alguns anos depois, ao qual fiz menção anteriormente. Na época, Hebert Bornebusch, que foi assistente do DAAD, contatou a mim, Márcio Suzuki, Marcos Nobre

e Moacyr Novaes com a proposta de traduzir e publicar textos kantianos. Nós nos dedicamos um longo tempo a traduzir a chamada Introdução “definitiva”, ou Segunda Introdução, que foi publicada em conjunto com a Primeira Introdução, que já havia sido traduzida por Rubens Rodrigues, como dito anteriormente.

Por fim, como vimos acima, em 2016 Fernando Mattos publica sua tradução da *Crítica da faculdade de julgar*. E vejam algo de curioso em relação aos títulos das três traduções brasileiras da *Kritik der Urteilkraft: Crítica do Juízo*, na tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, *Crítica da faculdade do juízo*, na tradução de Valério Rohden, e *Crítica da faculdade de julgar*, na tradução de Fernando Mattos. Essa variação na tradução de *Urteilkraft* permite ver como a recepção brasileira da terceira *Crítica*, e da obra de Kant em geral, envolve também um cuidadoso trabalho com a questão da constituição de um léxico e um repertório filosófico em português, bastante atento aos problemas de tradução e suas dificuldades conceituais.

Para completar esse quadro, eu deveria também elencar as pesquisas, dissertações, teses, livros e artigos sobre a *Crítica da faculdade do julgar* publicados no Brasil, mas essa seria uma outra tarefa, bastante trabalhosa aliás. Felizmente, isso vem sendo feito por Vinicius de Figueiredo e pode ser conferido neste mesmo volume. De todo modo, se passarmos os olhos pelos livros a que fiz referência no começo da minha exposição encontraremos nos títulos dos artigos neles contidos muita coisa relacionada à *Crítica da faculdade do julgar*. Pode-se notar, por exemplo, que a recepção da terceira *Crítica* no Brasil é bastante ampla e, de certo modo, acompanha a divisão da própria obra. Se traçássemos um estudo cronológico mais detalhado veríamos que a recepção da segunda parte da obra, sobre o juízo teleológico, é mais recente do que a recepção da primeira parte, sobre o juízo estético. Há também uma outra vertente dessa recepção, mais recente, que vai tratar do juízo reflexionante na história, no direito e na política. Então poderíamos delinear toda uma árvore da reflexão, com os ramos da estética, da teleologia, da história, política e direito e assim por diante.

Assim, se ponderarmos sobre esse esboço de árvore genealógica, considerando as teses e trabalhos escritos sobre Kant em diferentes lugares do Brasil nos últimos 50 anos, veremos que a recepção da obra kantiana é bastante complexa, especialmente a da terceira *Crítica*. Mas, como indiquei no início, desenhar detalhadamente essa árvore exigiria um conhecimento mais preciso sobre os trabalhos publicados nos últimos 15 anos, tarefa para a qual não tenho competência. Afinal, eu estou na posição daqueles pioneiros que fundaram a Sociedade Kant.

### 3.

Para concluir, farei algumas considerações sobre o que podemos chamar de “kantismo da USP”. Antes de tudo, eu diria que há mais de um kantismo uspiano, ou seja, que ele é plural. Essa pluralidade se deve muito à presença de Rubens Rodrigues Torres Filho no Departamento de Filosofia da USP, basta ver os “kantismos” de Maria Lúcia Cacciola, Márcio Suzuki ou Pedro Paulo Pimenta. Não me refiro tanto ao livro de Rubens sobre Fichte, mas sim àquilo que aprendemos com ele sobre Kant, enquanto seus alunos e ouvintes de suas análises e reflexões em sala de aula. Fui aluno de Rubens em 1970 e 1971. Se não me engano, foi em 1970 que ele voltou da França e devo dizer que sua presença no Departamento de Filosofia foi muito importante para mim. Na época, o Departamento e a Faculdade estavam praticamente destruídos, após a aposentadoria compulsória de Giannotti e outros professores, consequência do AI-5 e do recrudescimento da ditadura no país. Eu estava muito desanimado com meus estudos quando, então, Rubens voltou da França, mudando bastante o clima pesado que pairava no ar. Lembro que, em seus cursos, ele chegava sempre atrasado e fumava o tempo todo, enquanto nós fazíamos os seminários. No primeiro curso que eu assisti, sobre a *Crítica da razão pura*, durante os seminários, a gente falava, falava e falava e eu tenho a impressão de que ele não escutava nada. Acho que ele nem prestava

atenção, porque ele não corrigia nada e depois refazia o seminário inteirinho, diante de nós. Ao final da nossa exposição ele ia até a mesa, abria seu volume da *Crítica* em alemão e começava a traduzir e analisar o texto, linha por linha. Era uma coisa maravilhosa. Sem trazer nenhuma anotação nem nada, apenas com o texto original, ele desenvolvia na nossa frente aquelas análises textuais incríveis, sobre a “dedução transcendental”, sobre a “Dialética transcendental” e outros textos dessa ordem. Isso me impactou muito e me fez pensar que eu tinha que continuar no Departamento, que valia a pena. Rubens foi um respiro importante naqueles anos difíceis.

Bom, para sermos justos e precisos, tenho de mencionar, evidentemente, que devo muito da minha formação à convivência com Giannotti, de quem fui aluno e com quem trabalhei no CEBRAP. Na época, seu livro *Trabalho e reflexão* caiu nas nossas cabeças como um raio, foi um choque fantástico. Tal como o livro de Lebrun em 1970, *Trabalho e reflexão*, que é de 1983, foi muito impactante. É verdade que já havíamos lido e estudado *Origens da dialética do trabalho*, seu livro anterior. Mas *Trabalho e reflexão* nos ofereceu aquela abertura multidisciplinar necessária para que a filosofia pudesse fazer o enfrentamento com o mundo, que sempre me pareceu fundamental. O livro de Giannotti tem esse efeito fantástico. Mas vejam, o kantismo de Maria Lúcia Cacciola ou do Márcio Suzuki, por exemplo, são diferentes. É a isso que me referia com a pluralidade do kantismo uspiano. Do ponto de vista da minha formação, isso se deve a uma virtude que eu encontrei no Departamento de Filosofia, com Rubens, e no CEBRAP, com Giannotti.

E aqui temos elementos para pensarmos sobre o quanto há de falso na história que se conta sobre o Departamento de Filosofia da USP. Pois, vejam, a presença do Rubens em sala de aula foi muito mais determinante na minha maneira de entender a história da filosofia do que as teorizações gueroultianas sobre o “método estrutural” ou coisa do tipo. Afirmar que o Departamento de Filosofia da USP é estruturalista e só faz história da filosofia é um equívoco enorme. Por exemplo, acabei de indicar a importância de Giannotti na minha formação. E não faz o menor sentido dizer que Giannotti fez apenas história da filosofia. O livro dele sobre o jovem Marx, *Origens da dialética do trabalho*, é uma briga com o PCB [Partido Comunista Brasileiro], uma briga com o Althusser e o PCF [Partido Comunista Francês]. Isso é filosofia ou história da filosofia? *Trabalho e reflexão* é um livro estruturalista, de história da filosofia? *O espírito e a letra* e “Kant na sala de aula” de Rubens, sua leitura de Novalis ou a maneira como ele faz e pensa a arte, vamos dizer que isso é história da filosofia estruturalista? Comparem os livros de Rubens e de Gueroult sobre Fichte, por exemplo. A diferença é enorme. A reflexão, não o sistema, é o elemento que se destaca na interpretação de Rubens. E há muito do Kant da terceira *Crítica* nisso. Se pegarmos os textos de Kant sobre a leitura de textos, veremos que ele sempre propõe a ideia de que não podemos aprender filosofia, apenas a filosofar, como que de modo reflexionante. Sendo assim, a oposição entre filosofia e história da filosofia pode até ser pressuposto do método estritamente estrutural, mas não foi isso o que fez Rubens, o que fez Giannotti. Não foi isso o que eles nos ensinaram.

Do ponto de vista metodológico ou pedagógico eu diria que a reflexão aberta e ausente de pressupostos é a marca da filosofia praticada no ambiente em que eu me formei. Penso que há um mito sobre a “leitura estrutural” do Departamento de Filosofia da USP, uma certa história que se conta, mas que não corresponde à realidade, tal como há um mito referente à oposição entre filosofia e história da filosofia, como se na USP só se fizesse história da filosofia, não filosofia. Se o próprio enfrentamento dos textos da história da filosofia tem uma dimensão reflexionante, o pluralismo de leituras e perspectivas filosóficas como prática pedagógica já está dado e isso constitui um antídoto contra a oposição estéril entre filosofia e história da filosofia, algo muito diferente de uma busca fanática por estruturas na leitura dos textos. Eu penso a história da filosofia como uma busca reflexionante, antes do que uma caça por estruturas. E isso é algo que aprendi com Rubens.

Por fim, quero concluir dizendo algo sobre porque devemos ler a *Crítica da faculdade de julgar* hoje. Creio que se temos alguma pretensão de fazer filosofia hoje, é preciso ler a terceira

*Crítica*. Afinal, do que adianta pensarmos de modo sistemático sobre a filosofia ou o mundo se não mantivermos a tensão da crítica? E na terceira *Crítica* encontramos justamente essa arte de manter a tensão. Antes se dizia que sem lê-la não se entende as filosofias posteriores. Mas eu diria que é muito mais do que isso, pois sem ler a terceira *Crítica* o que não se entende é o próprio mundo.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, G. A.; ROHDEN, V.; TERRA, R. R.; RUFFING, M. (Hrsg.) *Recht und Frieden in der Philosophie Kants. Akten des X. Internationalen Kant-Kongress*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2008.

GIANNOTTI, J. A. *Origens da dialética do trabalho*. São Paulo: Difel, 1966.

GIANNOTTI, J. A. *Trabalho e reflexão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GRAPOTTE, S.; RUFFING, M.; TERRA, R. (dir.) *Kant - la Raison Pratique*. Concepts et héritages. Paris: Vrin, 2015.

KANT, I. *Textos Seletos*. Traduções de Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

KANT, I. *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. Traduções de Valerio Rohden, Udo B. Moosburger, Rubens R. Torres Filho et al. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KANT, I. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Organização de Ricardo Terra. Tradução de Rodrigo Naves e Ricardo Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KANT, I. *À paz perpétua*. Tradução de Marco Zingano. Porto Alegre: L&PM, 1989.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valerio Rohden e Antônio Marques. São Paulo: Forense Universitária, 1993.

KANT, I. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio sobre as doenças mentais*. Campinas: Papyrus, 1993.

KANT, I. *Dois introduções à Crítica do Juízo*. Traduções de Rubens R. Torres Filho, Ricardo R. Terra, Márcio Suzuki, Marcos Nobre e Moacyr Novaes. São Paulo: Iluminuras, 1995.

KANT, I. *Crítica da razão prática*. Tradução de Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KANT, I. *Escritos pré-críticos*. Traduções de Jair Barbosa, Joãozinho Beckenkamp, Luciano Codato, Paulo Licht dos Santos e Vinicius de Figueiredo. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Clélia Martins, revisão de Márcio Suzuki e Vinicius de Figueiredo. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução, introdução e notas de Guido A. de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2009.



KANT, I. *Começo conjectural da história humana*. Tradução de Edmilson Menezes. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

KANT, I. et al. *O que é Esclarecimento?* Tradução de Paulo Cesar Gil Ferreira e revisão de Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2013.

KANT, I. *Metafísica dos Costumes*. Tradução da Doutrina do Direito de Clélia A. Martins, com revisão de Bruno Nadai, Monique Hulshof et al e da Doutrina da Virtude de Bruno Nadai, Monique Hulshof e Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2013.

KANT, I. *Prolegômenos a qualquer metafísica futura que possa apresentar-se como ciência*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

KANT, I. *Princípios metafísicos da doutrina do direito*. Tradução e introdução de Joãozinho Beckenkamp. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

KANT, I. *Crítica da razão prática*. Tradução de Monique Hulshof. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2016.

KANT, I. *Crítica da faculdade de julgar*. Tradução de Fernando C. Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2016.

KANT, I. *Lições de Ética*. Tradução e apresentação de Bruno Cunha e Charles Feldhaus. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

KANT, I. *Lições sobre a doutrina filosófica da religião*. Tradução de Bruno Cunha. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2019.

KAUARK-LEITE, P.; CECCHINATO, G.; FIGUEIREDO, V. de A.; RUFFING, M.; SERRA, A. (Eds.) *Kant and the Metaphors of Reason*. Hildesheim: Georg Olms, 2015.

LEBRUN, G. *Kant et la fin de la métaphysique. Essai sur la "Critique de la faculté de juger"*. Paris: A. Colin, 1970.

LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PEREZ, D. O. (Org.) *Kant no Brasil*. São Paulo: Escuta, 2005.

PEREZ, D. O.; RAUSCHER, F. (Ed.) *Kant in Brazil*. Rochester: University of Rochester Press, 2012.

TORRES FILHO, R. R. *O espírito e a letra: a crítica da imaginação pura em Fichte*. São Paulo: Ática, 1975.